

o avesso da lâmpada

o avesso da lâmpada

demetrios galvão



MOINHOS

© moinhos, 2017.

© demetrios galvão, 2017.

edição:

camila araujo & nathan matos

revisão:

lucas rolim

nathan matos

diagramação e projeto gráfico:

literaturabr editorial

ilustração de capa:

gabriel archanjo

capa:

alg publicidade

1ª edição, belo horizonte, 2017.

nesta edição, respeitou-se o

novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

g182o

galvão, demetrios | o avesso da lâmpada

isbn 978-85-92579-24-1

cdd b869.91

índices para catálogo sistemático

1. poesia 2. poesia brasileira I. título

belo horizonte:

editora moinhos

2017 | 88 p.; 21 cm.

todos os direitos desta edição reservados à

editora moinhos

editoramoinhos.com.br

editoramoinhos@gmail.com

para os amigos

recanto

ergo um museu de silêncios
entre besouros cegos e esporões perdidos
em uma praça que fica no coração da memória.

aprendi que a verdade é um signo inflamável,
que os bares vendem ausências
e que as pessoas estão cheias de vazios.

meu recanto é uma varanda no hipotálamo
ateliê onde rumino um orfanato de cartas
e rabisco pequenos infinitos.

carrego sempre um peso a mais
um insólito equilíbrio, uma poética selvagem
para me defender do grito sanguíneo do tempo suicida

— escondo minhas relíquias no avesso da lâmpada
onde as palavras têm febre e a matéria se bifurca.

cine-mirante

ao som de guardia

por um tempo, habitei um endereço rarefeito
lugar difícil de se enviar cartas:

e de lá, assisti a chuva campestre
o concerto do coração dos homens
as crianças livres e sensíveis
a esperança viajando de trem
histórias de cozinha e de amor
o feitiço de uma mãe valente
as transparências de uma jornada interior
a oitava cor da música que dizia:

— toda paisagem azul é felicidade...

passaporte para uma pequena semana de verão
na plataforma alegre de oficinas incorpóreas
encontro de irmãos nas raízes de uma lembrança
milagre de ser e ter no corpo um abraço cheio
e um olho filmando tudo.

rinocerontes da ternura

para os amigos, ao som de the clash

nós, rinocerontes da ternura
nós, rinocerontes prometidos para a extinção
conhecemos bem os dragões da cidade,
os seus disfarces alcalinos, suas gírias oblíquas...
no nosso hemisfério de dentro navega uma jubarte
que nos salva dos naufrágios e do ataque do serrote.

nós, rinocerontes da última hora,
sabemos que todo pecado será abençoado quando feito com amor
sabemos também que um olho sujo enxerga adiante
quando dentro da noite vadio, o que se sente são calafrios.
não somos animais homeopáticos,
conhecemos o padroeiro das rodoviárias e o mau cheiro
[de sua hospitalidade.

nós, rinocerontes do partido-romântico-libertário,
aprendemos sobre a música dos *punks*,
o delírio dos *junkies* e a formação da classe operária.
testemunhamos partículas de vida metálica
mastigarem esquecimentos em um bairro sem nome.
descobrimos que as ruas amadurecem idades-descompassadas
[em sua estufa volátil.

quantos bairros demarcam nossa geografia
na urgência de uma lembrança qualquer?
quem são nossos aliados
nesse jogo secreto de forças invisíveis?

quem dos muitos com quem bebemos
serão solidários na derradeira hora?

— sobrevivemos com palavras diferentes
mas nos encontramos no afeto.